

## 10 ANOS DE PRÁXIS LACANIANA/FORMAÇÃO EM ESCOLA – 16/07/2003\*

Estamos reunidos para comemorar 10 anos de existência da Escola. Porque falamos como analisantes, vou tratar de caminhar não com respostas, mas com perguntas. Temos o que comemorar nestes 10 anos de existência da Práxis Lacaniana?

Como se trata de 10 anos de existência de uma Escola de Psicanálise que, justo neste ano, está trabalhando em seu Seminário de Ensino, o *Seminário XIV* de Lacan “A lógica do fantasma”, resolvi enveredar pelo caminho da existência do Sujeito. Ora, se formulamos que o Sujeito existe, isto nos defronta com algo que é a divisão da existência de fato e da existência lógica.

A existência de fato nos relaciona ao existir em termos de ser ou não falado. Da existência de fato algo resulta em relação ao sujeito, no nível dos seres que falam, que faz necessário que seja estabelecida, já, certa articulação que nada indica que ela se faça direta e imediatamente.

A existência lógica é outra coisa e, como tal, tem outro estatuto. Há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, quer dizer, em que vamos manejar significantes.

Penso que, tanto ao nível da existência de fato como da existência lógica, temos razões para celebrar. Celebramos os 10 anos de existência da Práxis Lacaniana onde tratamos de praticar o que Freud e Lacan nos legaram em termos de uma nova posição frente ao gozo. Nesse sentido, celebramos a existência de fato e principalmente a existência lógica de Freud e de Lacan. A existência de Freud que, ao descobrir as leis de funcionamento do inconsciente, introduz – em termos de escuta – uma posição, a sua, com que se inaugura o dispositivo analítico; a existência de Lacan, porque sem Lacan, aquele que inventa algo nada cômodo - o pequeno **a** e o discurso do analista - uma análise lacaniana não seria possível.

Numa celebração de aniversário, sempre se fazem votos. Pensando no percurso para os próximos 10 anos, quando vamos estar muito mais velhos, no caso estou me referindo às rugas e as dores da velhice, porque se me refiro ao envelhecimento necessário do objeto pequeno **a**, o tipo de envelhecimento em questão é outro. Então, quem sabe daqui a 5 anos o objeto pequeno **a** na Práxis Lacaniana já envelheceu o suficiente, para que possam emergir acontecimentos em relação ao sujeito suposto saber ao nível da estrutura? Bom, esses são os votos para a Práxis Lacaniana/Formação em Escola.

Votos de que, em termos da espera, do tempo lógico, o inconsciente venha se articular na fala do maior número possível de membros da Práxis. Votos de que se possa sair da questão que detém os analistas, quando são dos bons, ou na postergação obsessiva ou na precipitação histórica, que já são questões do sujeito. Só que, neste caso, se trata de um sujeito que tem como suporte o objeto **a** como imagem  $i(a)$  – ponto que a neurose, mesmo no ponto máximo de desenvolvimento do seu discurso, em análise, mantém intocável.

Os votos são de que, apostando no trabalho de análise, consigamos atravessar o gozo escopofílico e sado-masoquista, que é estrutural. Votos de que os sujeitos que falam em suas análises, consigam construir uma proporção tal, ou seja, uma substituição em relação ao grande Outro, pelo A em forma de **a**. Contudo pode acontecer que, aberto o lugar lógico do grande Outro, o sujeito não consiga encontrar substituição nesse lugar. Neste caso, clinicamente, o **a** aparece como reintegrado na linguagem.

A construção de uma proporção pelo sujeito coloca o pequeno **a** de uma outra maneira, no sentido de que o objeto **a** deixa de ser reintegrável na linguagem. Para construir a proporção faz-se necessário voltar a passar por articulações bastante inabituais. O objeto **a** resulta de uma operação de estrutura lógica efetuada não *in vivo*, não sobre o vivente mesmo. Para isto, em relação a esse pequeno **a**, o analista precisa estar pronto para provê-lo e levá-lo, o que tem a ver, não com as questões da existência de fato, mas com as da existência lógica.

A construção da proporção permite ao sujeito que fala, deparar-se com a incomensurabilidade do pequeno **a**. Esta só encontra apoio à medida que a construção da proporção se põe em jogo, possibilitando ao sujeito incorporar a falta. Isto é importante porque para Lacan o sujeito é falta.

Voltando à época da fundação da Práxis, 1993, retornando a nosso percurso, vou situar um dos trabalhos que serviram de base para a fundação de nossa Escola, que aconteceu em 16 de julho de 1993; este trabalho é de maio do mesmo ano, 2 meses antes. A importância de voltar a este trabalho é situar que, já desde aquela época, a questão principal que nos movia ia em direção às análises e à questão do sujeito; sujeito suposto saber em relação às questões da verdade e do real do gozo em sua articulação com saber; ponto onde a prática analítica precisa ter conseqüências em relação ao real da experiência da análise, no interior mesmo do dispositivo criado por Freud.

Dizíamos assim, em maio de 1993:

A questão da verdade se relaciona à dimensão do inconsciente em dois níveis bastante distintos: o da salvação da verdade, que é diferente do segundo nível, que diz respeito à proteção da verdade.

Para salvar a verdade, a dimensão do inconsciente pode ser rechaçada; o que leva, na maioria das vezes, ao engendramento de um discurso político.

Diferente de salvar a verdade é a proteção a respeito da verdade; isto é o que está em jogo numa análise. Está em jogo pelo oferecimento àquele que se elege como analista, de um gozo, o mais gozar. Ou seja, em troca da verdade que, por estrutura, não se pode supor, se oferece o mais de gozar; esta é uma operação que justamente permite que alguém se analise.

A prática analítica tem seu fundamento na posição que possa ter aquele, a quem o saber foi suposto, frente ao gozo oferecido. Neste ponto, se exige algo daquele com quem alguém decidiu analisar-se: uma posição. Uma posição que rechace o gozo que lhe é oferecido em

troca do que, por estrutura, não se pode supor: a verdade. Esta é uma posição ética: do lado do analista, o rechaço ao gozo oferecido; do lado do analisante, poder oferecê-lo, colocando-o em jogo numa análise.

Se aquele que, contingentemente, está como analista se aceita como depositário da verdade, não rechaçando o gozo que lhe é oferecido encontrará na sugestão a sustentação de sua prática. Pois o que vigorará será um manejo da verdade a que, em outras palavras, chamamos abuso de poder na transferência.

Este abuso de poder reside, não no saber que é suposto, mas em supor-se suposto do que, por estrutura, não se supõe: a verdade. Isto é o que mais teme quem realmente vai analisar-se: teme que aquele com quem elege analisar-se, aquele a quem supôs o saber, possa acreditar-se suposto saber a verdade daquele que fala.

Para finalizar, quero homenagear, comemorar e celebrar a presença de todos os que aqui estamos e também a dos que não puderam vir. Estes 10 anos de trabalho em transferência com os textos de Freud e Lacan merecem comemoração, uma vez que, neste tipo de trabalho que é o nosso, seguir falando, para produzir efeitos de linguagem, é fundamental, e para isto precisamos de pares. Obrigada, então, por vocês existirem.

\*Texto estabelecido por Isabel Maria Martins Considera